

## **Nostálgica e idealizada: representações da “saudades” em Belém através das redes sociais<sup>1</sup>**

Enderson OLIVEIRA<sup>2</sup>

Maíra de Matos PINHEIRO<sup>3</sup>

Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA

### **RESUMO**

Neste ensaio analisamos de que modo Belém do Pará é compreendida, apresentada e representada em redes sociais *on line*, especialmente no *Facebook*, através de páginas que possuem muitos comentários sobre “saudades”, “nostalgia” ou ainda certo *spleen*, como a “Nostalgia Belém”; “Fragmentos de Belém” e “Belém Antiga”. Unindo Comunicação e Antropologia, observamos então os conteúdos veiculados e os discursos que são reverberados a partir de tais plataformas. Assim, podemos notar, com a utilização da Netnografia, como tais mídias se relacionam aos sujeitos e os significados que incitam aos mesmos, envolvendo processos de identificação, anseios e percepções da realidade amazônica da cidade, ultrapassando, portanto, seu caráter *on line*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Belém do Pará; Redes Sociais; Saudades; Facebook; Netnografia

### **Considerações iniciais**

A produção de conteúdo na internet é cada vez mais baseada na colaboração. Exemplos disso são vários e, dentre tantos que poderíamos citar, observamos somente as redes sociais *on line*, que permitem a produção e compartilhamento de conteúdos diversos, como no *Facebook*.

É por lá, em páginas e mesmo grupos, que são possibilitados encontros virtuais de sujeitos diversos, mas que em geral possuem interesses comuns. Com certa liberdade, eles produzem, compartilham ou mesmo só acompanham a disponibilidade de várias informações. Isto é possível porque o desenvolvimento da chamada *Web 2.0* acarretou modificações não somente na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática 6 - Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2018.

<sup>2</sup> Jornalista, professor na Faculdade Estácio do Pará, mestre em Ciências Sociais (Antropologia) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA). Coordenador da Linha de Pesquisa “Comunicação, Cibercultura e Antropologia” (<http://blogdoentredes.wordpress.com>), no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Estácio do Pará. E-mail: [enderson.oliveiral@gmail.com](mailto:enderson.oliveiral@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduanda em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pela Faculdade Estácio do Pará. Membro voluntária do Grupo “Comunicação, Cibercultura e Antropologia” no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica na Estácio do Pará. E-mail: [mairamatos4@gmail.com](mailto:mairamatos4@gmail.com).

estrutura da internet, mas também no modo como as pessoas se relacionam com os conteúdos da rede e entre si. Segundo Martín-Barbero (1995, p. 55), “é preciso estudar não o que fazem os meios com as pessoas, mas o que fazem as pessoas com elas mesmas, o que elas fazem com os meios, sua leitura”, afinal “a recepção é um processo de interação, de negociação do sentido”.

Este ensaio se relaciona a estes preceitos, uma vez que, além de propor a análise das relações que se desenvolvem a partir e através do *Facebook*, observamos e problematizamos o papel comunicacional dos sujeitos envolvidos, afinal

a Internet redimensiona o conceito de receptor ativo, ou seja, enquanto um campo interativo, a rede favorece o surgimento de vínculos com o receptor, o que o leva a ter uma dimensão interativa de fato. É esta articulação que caracteriza as redes comunicacionais como dispositivos instituidores de vínculos sociais que se sobrepõem ao aspecto de que elas são, também, produtoras de sentido (OLIVEIRA, 1997, p. 06).

Observar tais relações entre “receptores ativos” (na verdade, potenciais produtores de conteúdo) é compreender que a região amazônica também está inserida nesta nova lógica global comunicacional, ainda que permaneça com todos os problemas que se sabe. Compreender estes fluxos comunicacionais significa também evitar discursos criados somente pelo “olhar do outro”, mas sim por nós mesmos, de como compreendemos a região e a cidade em que vivemos, somos originários ou próximos. *Partindo de Belém, para Belém e sobre Belém* (grifos nossos), portanto, tais redes ajudam a evidenciar que a recepção não é mais somente uma “etapa do processo de comunicação, mas um lugar novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação” (ALENCASTRO e BONIN, 2010, p. 11).

Levando em conta todo este contexto, aqui analisamos de que modo Belém do Pará é compreendida, apresentada e representada em redes sociais *on line*, especialmente no *Facebook* através das páginas que veiculam postagens e recebem comentários sobre “saudades”, “nostalgia” ou ainda certo *spleen*, como a “Nostalgia Belém”; “Fragmentos de Belém” e “Belém Antiga”. Nelas, o “passado” é datado em geral em um século, tendo uma periodicidade específica da virada do século XIX para o XX até o início da década de 2000.

Observando, portanto, não somente o processo de produção e/ou recepção, afinal tais páginas estão inseridas da chamada *Web 2.0*, é que buscamos analisar como a produção de conteúdo se relaciona aos sujeitos e os significados que carrega e mesmo incita aos mesmos, envolvendo processos de identificação, anseios e percepções da realidade amazônica da cidade, ultrapassando, portanto, o caráter *on line* de tais plataformas.

---

## **Percurso metodológico**

Neste ensaio – forma acadêmica que consideramos, seguindo Clifford Geertz, a que mais se ajusta à “qualidade experimental” do empreendimento aqui proposto (2008, p. 13) – propomos um diálogo entre Comunicação e Antropologia, em especial a “Semiótica” ou “Interpretativa” de tal autor, para quem a “análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea” (1989, p.14). Ou seja: partindo das expressões estéticas e dos discursos dos sujeitos envolvidos na análise, buscamos o conhecimento de algo mais profundo, de um contexto sociocultural bem mais amplo.

Isto é possível pela utilização da Netnografia, que leva em conta, além das formas de consumo dos conteúdos compartilhados, os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008, p. 02). É justamente daí que partem algumas das críticas relacionadas a tal método, mas que nos afastamos por reconhecer que “as distorções quanto à etnografia do virtual em relação ao aspecto de facilidade ao não precisar deslocamento físico, não são plausíveis no discurso de muitos pesquisadores que acreditam que o processo configura-se como *intermittent engagement*” (ROCHA e MONTARDO, 2005, p. 14).

Indo além, portanto, de simples coleta de dados “em um gabinete”, a utilização da netnografia possibilita a interpretação e a compreensão dos conteúdos observados e discutidos, uma vez que colabora para um mapeamento dos perfis de consumo de seus participantes a partir de suas práticas comunicacionais nas plataformas sociais (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008, p. 04).

Assim, a produção de conteúdo das páginas e principalmente dos sujeitos que as consomem podem ser utilizadas para compreensões mais amplas que vão além da Comunicação e alcançam questões identitárias, de sensações e (res)significações, como veremos mais à frente. Para isto, no entanto, primeiramente é necessário observar quais são as páginas que compõem nossa análise e compreender o alcance que possuem bem como que conteúdos veiculam.

## **As sensações nostálgicas em três páginas**

Criada em 2012 com a missão de “resgatar” a memória da cidade de Belém do Pará e região metropolitana através de fotos, vídeos, lembranças e outros conteúdos, a página “Nostalgia Belém” atualmente conta com praticamente 128 mil curtidas e um grupo de discussão, ainda na mesma rede, com 951 membros (até abril de 2018). Possui também uma

conta no *Instagram* (@nostalgiabelem), com mais de 39 mil seguidores, e um *blog* ([www.nostalgiabelem.com.br](http://www.nostalgiabelem.com.br)), inativo desde agosto 2015.



**Imagem 01.** Tela de início da página “Nostalgia Belém”. **Reprodução:** Captura de tela

Na página notamos certa regularidade, com a publicação de dois a três “posts” por dia, sendo estes fotos, vídeos e recortes de jornais, acompanhados de uma breve e/ou detalhada pesquisa histórica, sobre uma Belém do passado, que “leva” seus seguidores a uma experiência de “viagem no tempo”. A interação presente na página é bastante significativa, inclusive contendo mais de mil avaliações, em sua maioria, positivas, com média de 4,7 estrelas. Chama a atenção ainda a o fato de muitos usuários demonstrarem grande curiosidade sobre determinadas histórias, como é o caso da publicação fixada na página questionando as lembranças dos usuários sobre um cidadão, de provável nome Manoel, deficiente físico, que pedia ajuda financeira em umas das principais avenidas do centro de Belém, em uma tentativa de descobrir a verdadeira história deste personagem.



**Imagem 02.** Post fixado na página “Nostalgia Belém”. **Reprodução:** Captura de tela

Outra página aqui observada “Belém Antiga”, que até então possui mais de 84 mil curtidas e busca mostrar uma cidade “gravada em preto e branco ou em cores em quase 400 anos de história. Lembranças em fotos, filmes, ilustrações guardadas na memória...”. Diferentemente das outras páginas, que apontam mais para paisagens e personagens, esta trabalha conteúdos diversos, inclusive das áreas de Comunicação na cidade, seja no Jornalismo ou na Publicidade.



**Imagem 03.** Tela de início da página “Belém Antiga”. **Reprodução:** Captura de tela

Com grande pesquisa e inúmeras fontes utilizadas, apresenta ainda provocações sobre projetos que não deram certo, ações de gestões municipais e ainda relatos e imagens da construção de obras e vias, seja em Belém ou mesmo em sua região metropolitana, como no Distrito de Mosqueiro. As publicações ocorrem ao menos duas vezes por semana.

Há, por fim, a “Fragmentos de Belém” que, assim como a “Nostalgia” tem por objetivo divulgar fatos históricos da cidade. A página possui bem menos seguidores: quase 3.500 até abril de 2018. Além do *Facebook*, há ainda uma plataforma no *Tumblr*, com um tom mais de “blog” sobre o conteúdo apresentado (<http://fragmentosdebelem.tumblr.com>). A página está longe de ter uma boa constância nas publicações e, com isso, fomentar uma interação mais próxima dos usuários.





**Imagem 04.** Tela de início da página “Fragmentos de Belém”. **Reprodução:** Captura de tela

As últimas publicações, até o momento do envio deste trabalho, em abril de 2018, datam de fevereiro deste ano. Ainda assim, ela apresenta algo curioso e interessante: muitos trechos de documentários sobre a cidade, retirados de canais do *YouTube* (devidamente creditados nos textos dos *posts*) e também utiliza material da página “Nostalgia Belém”. Os usuários interagem pouco, onde o número de comentários e curtidas é relativamente baixo: cerca de dois a dez *likes*. Apesar disto, é perceptível a pesquisa por parte dos administradores sobre os conteúdos, onde as fontes são divulgadas, transparecendo a credibilidade da página.

### **(Ciber)cultura, memória e produção de conteúdo na contemporaneidade**

Os processos de produção e compartilhamento de conteúdo aqui discutidos são possibilitados pelo panorama contemporâneo que faz parte de uma “segunda geração de serviços na rede, caracterizada por ampliar as formas de produção cooperada e compartilhamento de informações *online*” (PRIMO, 2007, p. 01). Tal “geração” e suas novas possibilidades são englobadas sobre a denominação de *Web 2.0*, termo criado pelo irlandês Tim O’Reilly. Segundo O’Reilly, a *Web 2.0* possibilita

desenvolver aplicativos que utilizem a rede como uma plataforma. A regra principal é que esses aplicativos devem aprender com seus usuários, ou seja, tornarem-se cada vez melhores conforme mais e mais gente os utiliza. *Web 2.0* significa usar a inteligência *coletiva* (COUTINHO, 2008, p.01).

Sabemos que, de modo idealizado, talvez, a criação desta “inteligência coletiva” já havia sido referida por Pierre Lévy (2007) ao afirmar que as novas tecnologias digitais e em rede podem estimular e valorizar o desenvolvimento de tal inteligência, propiciando subsídios

para que “todos” os usuários da rede – que antes tinham um papel somente “passivo” – se tornem produtores de conteúdo em potencial.

Neste contexto, devemos observar que a discussão sobre *Web 2.0* é bem mais ampla e se espalha para além da Comunicação: isto porque é através do consumo que os sujeitos expressam desde princípios e estilos de vida até ideais, identidades e projetos coletivos, em que o consumo torna-se, portanto, uma prática sociocultural em que se constroem significados e sentidos de viver (DIAS e RONSINI, 2008, p.90). Para isso, muitas vezes, inclusive nos objetos aqui analisados, ganha destaque o papel da memória, que ganha importância e necessidade como um permanente “exercício de reconhecimento”, exigido nas sociedades contemporâneas. A memória em sua potencialidade permite reacender utopias, reconstituir outros tempos, representar diferentes ideias e ideais, reativar emoções, rememorar convivências ou conflitos (...) (CAPRINO e PERAZZO, 2008, p. 117).

Bem mais que simples estrutura de “recordação, lembrança”, a memória se constitui em um modo de experiência e compreensão da realidade que pode nos ajudar a compreender nuances características do passado, do presente e até mesmo do porvir. Sabemos que os modos de produzir e apresentar a cidade nas redes sociais também incitam processos de identificação dos sujeitos, até mesmo porque a cultura pode ser compreendida como um

conjunto formado pelas expressões intelectual, artística e moral concernentes a uma determinada civilização e mesmo a um povo, construído no processo de sua história como um todo ou num determinado período. Esse conjunto de expressões resulta numa complexa reunião de linhas de pensamento, parâmetros de gosto, éticas de procedimento que decorrem de uma existência social objetiva. Esta última revela as criações da cultura como sendo próprias do caráter de uma produção social (PAES LOUREIRO, 2001, p. 63).

Assim, este contexto envolve novas possibilidades de produção e compartilhamento de conteúdo, bem como de “retomada” de algumas situações ligadas a idealizações e mesmo memórias. Bem mais amplo e complexo, mas que por questões adstritas ao espaço da publicação teve que ser bastante condensado, tal panorama ainda nos permite reunir e observar algumas práticas ligadas a cultura e a cibercultura, seguindo os trajetos realizados pelos sujeitos nas páginas aqui apresentadas.

### **Sempre presente, a saudade... De quê?**

Belém do Pará, em mais de 400 anos de história, possui uma faceta curiosa. Seja no Turismo, na Publicidade ou até mesmo em outros tipos de discursos, referir-se a “futuro” na capital paraense é, de certo modo, fazer referência ao passado. A afirmação aparentemente

incoerente em um primeiro momento é melhor compreendida caso “voltemos” ao período de maior “progresso” ou “desenvolvimento”<sup>4</sup> da cidade de Belém: o auge da chamada *Belle Époque*, vivida no final do século XIX e início do século XX.

Muito desta compreensão, deste imaginário, talvez, é propiciado pela presença de prédios de tal época que ainda existem na cidade, como o Teatro da Paz, Palacete Pinho, a loja Paris n’América, bem como o conhecimento superficial acerca do desenvolvimento e urbanização do bairro da Cidade Velha, estabelecimento do mercado do Ver-o-Peso, entre tantos outros possibilitados pela “fartura” que a extração do látex possibilitava aos grandes seringalistas importar certo “padrão europeu” de vida para a capital paraense.

Hoje, no entanto, em meio a uma cidade metropolitana agitada, conturbada e com inúmeros problemas típicos de grandes cidades, o passado parece então surgir como, mais que uma forma de “escapismo”, um modo de idealização, como é possível notar em inúmeras publicações e os comentários que provocam, por exemplo, ao se observar a fisionomia urbana de Belém nos anos 1930 ou 1940, logo após o período da *Belle Époque*:



**Imagem 05.** Publicação na página “Fragmentos de Belém”. Os comentários enfatizam o caráter organizado, “limpo”, simples e bonito de Belém. **Reprodução:** Captura de tela

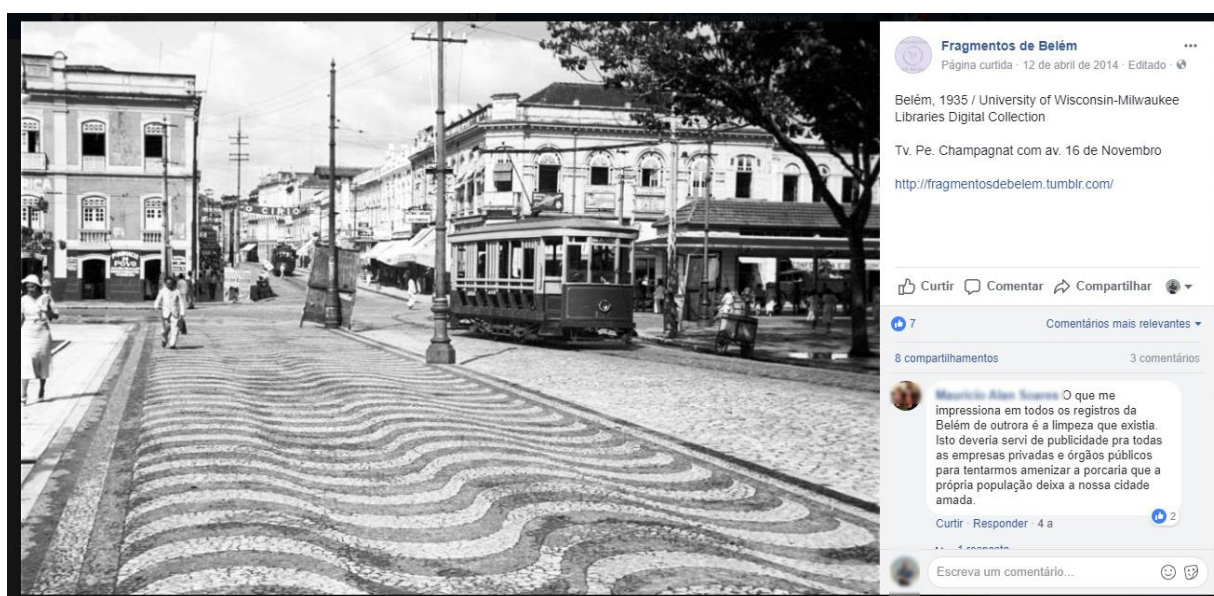
<sup>4</sup> Tal perspectiva é questionada por Benedito Nunes, ao afirmar que o “desenvolvimento” que até hoje permanece no imaginário de grande parcela da população foi bastante restrito a poucos “contemplados”. “Nunca houve tantos ricos no meio de tanta pobreza. Nos trabalhos de extração, os nordestinos, fugindo à grande seca de 1877, substituiriam os índios” (2006, Introdução), afirma o filósofo.



O passado surge então como uma possibilidade, um referencial que parece ter se perdido, mas que ainda pode ser buscado. A “limpeza”, a “tranquilidade”, o “ar pacato” da Belém de outrora de uma só feita reconfortam, mas também angustiam por talvez estar distante demais dos sujeitos que os desejam.

Segundo Walter Benjamin, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo” (2012, p. 43). Podemos fazer um diálogo entre esta articulação do passado com a ideia de “memória social”, se aproximando à compreensão de Mônica Caprino e Priscila Perazzo de que “a memória também não é o passado, mas a rememoração desse passado feita no presente de um indivíduo e determinada pelas condições presentes no momento” (2008, p. 122).

É justamente aí que ganha relevo a compreensão de um possível *spleen*, compreendido por Walter Benjamin como “um sentimento que corresponde à catástrofe em permanência” (2006, p. 392). Citando Benjamin, Fábio Castro complementa afirmando que o *spleen* poderia ser traduzido como uma lembrança sensual, memórias desconfortáveis ou ainda como certo gênero de nostalgia ambivalente (porque presa a um presente pouco visível) que chama de “saudades do desconhecido” (1995, p. 23). Mais que “a saudade” pelo que não se viveu, muitos *posts* e comentários carregam certa nostalgia por se ter perdido uma experiência mais ampla e difícil de ser alcançada atualmente, que terminam provocando comentários como este abaixo, em que o internauta volta a se espelhar no passado para buscar uma melhora no presente:



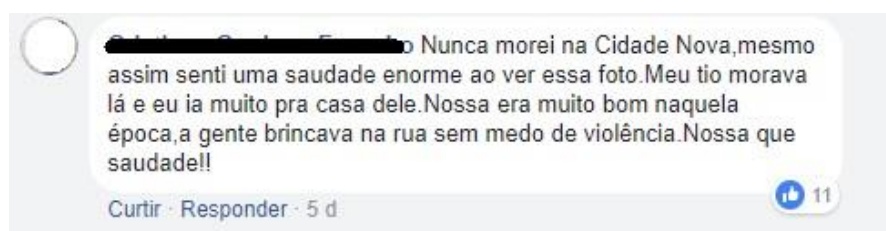
**Imagem 06.** Publicação na página “Fragments de Belém”. **Reprodução:** Captura de tela

Em tais conteúdos e em inúmeros outros observados, a referência ao *spleen* é facilmente perceptível, também pode ser considerado um modo peculiar de experiência. Assim, nas páginas analisadas observamos facilmente a recorrência de expressões como “Tempos bons”, “Que saudade dessa época!”, “Era feliz e não sabia”, “Cidade do já teve” muitas vezes seguidos de diversos relatos pessoais carregados de sentimentos sobre o que foi compartilhado. Isto ocorre tanto em citações a eventos, festividades e fatos, como neste anúncio do réveillon de 1990:



**Imagem 07.** Publicação na página “Belém Antiga”. Nos comentários são destacadas experiências pessoais, lembranças e comparações a situações cotidianas atuais. **Reprodução:** Captura de tela

É comum ainda observar nos comentários, seja nas páginas, seja no grupo do “Nostalgia Belém”, muitos agradecimentos por parte dos usuários, tanto no que se refere a relembrar uma Belém vivida, como para ter conhecimento da história da cidade e sua região metropolitana:



**Imagem 08.** Comentário publicado na página “Nostalgia Belém”. **Reprodução:** Captura de tela

A internet, assim, passa a ser vista como um meio que possibilita tais ações e reações e, independente de se conhecer ou não o autor de tal publicação, há um tom de cumplicidade por se partilhar um conteúdo que é interessante ou ainda “confortante” por algum motivo. Indo além, sabemos que

Desde que o ser humano passou a se valer da fala, até a utilização de equipamentos móveis com acesso à rede mundial de computadores, passando pelo desenvolvimento das técnicas de impressão e pela invenção de mídias audiovisuais, toda forma de comunicação tem imposto alterações nas relações sociais, no comportamento dos indivíduos na participação dos sujeitos comunicadores nos processos comunicacionais, na formatação de mensagens veiculadas e na elaboração de linguagens e códigos necessários para o estabelecimento do ato comunicativo. (CARDOSO, SANTOS e VARGAS, 2009, p. 19).

Devemos ainda observar que o uso recorrente das expressões citadas acima apontam para a sistematização de certo “lugar de fala”, conceito que, é importante destacar, não se constitui em um conceito estritamente linguístico, nem é também exclusivamente sociológico, como alerta José Luiz Braga (2000, p. 166). O lugar de fala pode ser observado quando se nota uma ênfase, permanência e mesmo recorrência de determinados termos e/ou expressões em discursos e modos de representação. É ainda Braga que esclarece que a preferência por “fala”

Possivelmente porque tendemos – mais que aos outros vocábulos – a associar o conceito de “fala” a uma situação concreta, específica, historicamente descritível. A fala, no seu sentido restrito, é sempre um evento, acontece naquele momento, e – embora possa ser contada e repetida – é sempre referida à situação com a qual “faz evento” (BRAGA, 2000, p. 166).

É justamente através destes discursos que reside algo fundamental de ser notado nesta breve análise que aqui apresentamos: a prevalência de imagens que remetem a ruas e a infraestrutura de tempos passados, onde é possível identificar um comportamento de indignação dos usuários, que fazem comparações com a atual situação da cidade, que atravessa há alguns anos uma grande e caótica mudança em sua mobilidade urbana:



**Imagem 09.** Comentário publicado no grupo “Nostalgia Belém”. **Reprodução:** Captura de tela



Tal comportamento vem à tona devido o sentimento de nostalgia proporcionar que o passado seja visto de forma coerente, “correta”, esquecendo-se assim as problemáticas daquele tempo. Idealizado, o passado ganha uma posição “superior” ao presente, em que o progresso e as novas tecnologias são passíveis de dúvidas quanto a sua eficiência, em virtude de não serem observadas no dia a dia pela população.



**Imagem 10.** Publicação na página “Belém Antiga”. A “cidade do já teve”, isto é, que já viveu períodos de riqueza e grandeza, é referenciada como algo hoje abandonado, caótico e melancólico. **Reprodução:** Captura de tela

Este relacionamento do homem com a sua urbe está intrinsecamente ligado a sua origem, indo além da história e remetendo-se às suas vivências cotidianas, emocionais e suas projeções. Para a historiadora Sandra Pesavento:

A cidade é o objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia (PESAVENTO, 2007, p.14).

A “revolta” parece ser potencializada por algumas destas estruturas materiais e memorialísticas estarem sendo “diluídas” ou mesmo destruídas, em um processo por qual passa Belém que segundo João de Jesus Paes Loureiro, “passava e continua passando por um processo de agressão tão violento na sua fisionomia, na sua visualidade, nessa coisa essencial para uma identidade que é a visualidade de uma região, e a nossa, marcada pela natureza, por rios e por certa fisionomia urbana” (GUEDES e GUIMARÃES, 2007).

Cresce, assim, a necessidade de se buscar outras referências e referenciais que sejam mais “confortáveis” e que apresentem uma “outra Belém”, ainda que esta seja antiga ou mesmo sobreviva apenas na memória ou nas idealizações melancólicas de parte da população que segue as páginas.

### Últimas considerações

Moacyr Scliar escreveu em *Saturno nos Trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil* que na saudade existe uma idealização das imagens do passado capaz de gerar entusiasmo em nome de uma causa, enquanto na melancolia, a perda do objeto amado e mesmo idealizado provoca inação (2003, p. 151). É exatamente isto que notamos ao observar as páginas aqui discutidas neste ensaio.

Há certo entusiasmo no passado da capital paraense e nas ações *online* que o “recuperam”, ainda que a “saudade” que o mesmo evoca seja por vezes desconfortante ao ser comparada a uma realidade bem mais complexa e caótica, tal qual a vivida na Belém contemporânea.

Na breve netnografia aqui apresentada, que faz parte de uma pesquisa mais ampla voltada à Linha de Pesquisa “Comunicação, Cibercultura e Antropologia: a relação entre consumo, cultura e produção de sentidos na contemporaneidade” do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Faculdade Estácio do Pará, é possível perceber o quanto é necessária realizar uma “leitura” como esta em uma cidade como Belém, em que o “passado de riquezas” parece ainda conferir certa saudade a uma época que não se viveu.

Tais reflexões e provocações aqui apresentadas vão além e, por fim, almejam uma mirada mais atenta a nós mesmos, não ignorando o panorama de modificações em que estamos inseridos e que se apresenta de modo bastante forte nas representações culturais contemporâneas e que estão presentes não somente nas cidades, mas também em suas representações virtuais.

### Referências

ALENCASTRO, Bruno e BONIN, Jiani Adriana. **Do álbum de fotos para a internet: perspectivas teórico-metodológicas para compreender a reconfiguração da memória no ambiente digital.** Anais eletrônicos XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0842-1.pdf>>. Acesso em 21 set 2010.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Cadernos da Escola de Comunicação**, v.6, n.1, p. 34-40, 2008. Disponível em



<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>>. Acesso em 17 de abril de 2012.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura** (Obras Escolhidas, v.1). 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRAGA, José Luiz. “Lugar de Fala” como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. **Mídias e Processos Socioculturais**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Unisinos, 2000.

CAPRINO, Mônica. PERAZZO, Priscila. Possibilidades da comunicação e inovação em uma dimensão regional. In: CAPRINO, Mônica. **Comunicação e Inovação: Reflexões contemporâneas**. São Paulo: Paulus, 2008.

CARDOSO, João Batista; SANTOS, Roberto; VARGAS, Herom. “Inovações na linguagem e na cultura midiática. In: VARGAS, Herom; CARDOSO, João Batista; SANTOS, Roberto. **Mutações da Cultura Midiática**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A Cidade Sebastiana: Era da Borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Sociologia da Cultura), Universidade de Brasília: Brasília, 1995.

COUTINHO, Clara Pereira. **Web 2.0: uma revisão integrativa de estudos e investigações**. In: Carvalho, Ana Amélia A. (org.). Actas do Encontro sobre Web 2.0. Braga: CIEEd, 2008. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8462/1/ClaraF001.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2010.

DIAS, V. & RONSINI, V. **O consumo de música regional como mediador da identidade**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n4/dossie/pdf/ART14VenezaRonsiniValton.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2009

GEERTZ, Clifford. **O Saber local**. 10ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 13

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUEDES, Januário e GUIMARÃES, Alan. **Belém aos 80**. 1 DVD (102 minutos). Belém, 2007.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

---

NUNES, Benedito e HATOUM, Milton. **Crônica de duas cidades: Belém e Manaus**. Belém: Secult, 2006.

OLIVEIRA, Maria Leoneire C. **O Receptor na Internet: Dimensões Interativas**. Anais da 6ª reunião da Compós, São Leopoldo, 1997. Disponível em <[http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/1997/1997\\_mlo.pdf](http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/1997/1997_mlo.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2012.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist. [online]. 2007, vol. 27, n. 53, p. 11-23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas e Pós-Graduação em Comunicação, 2007. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/files/03ecompos09\\_AlexPrimo.pdf](http://www.compos.org.br/files/03ecompos09_AlexPrimo.pdf)>. Acesso em 21 fev. 2010.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. **Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação E-Compós. Vol 4, Dezembro 2005.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos Trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.